

# Resultado do BRB de 2013 reflete erro de gestão

Se o presidente do BRB, Paulo Evangelista, tivesse assinado um contrato de gestão com o Governo do Distrito Federal (GDF) quando de sua posse ainda em 2013, em 28 de fevereiro último estaria demitido. Se houvesse uma administração no GDF que cobrasse de seus gestores postura condizente com o cargo que ocupam e com o salário que recebem, certamente também ele estaria desempregado, 'curtindo' a aposentadoria do Banco do Brasil.

Isto se deveria pelo péssimo desempenho do BRB no ano, em especial no segundo semestre, quando o lucro recuou 50,53%, quando comparado com o resultado do primeiro semestre.

O sistema financeiro cresceu como um todo na comparação com 2012, embora de forma menos acentuada que em anos anteriores. Ocorre que com o BRB ocorreu um decréscimo no lucro da ordem de 21,6%, o que o coloca como um dos únicos no sistema a enfrentar tal situação.

Para explicar este resultado, Paulo Evangelista criou a esdrúxula figura de 'lucro recorrente' quando afirmou que o resultado na verdade foi impactado pelos investimentos na área de Informática, em novas agências e no Plano de Demissão Voluntária (PDV), implantado em 2013.

Se o presidente usasse esta explicação em um fórum de investidores, certamente seria ridicularizado por usar figura tão absurda e explicações tão estapafúrdias. No mínimo, seria lembrado de que investimentos em Informática, assim como abertura de agências, e até mesmo recursos direcionados para planos como PDV devem ser previstos em orçamento, que prevê também o lucro que se pretende.

Se o orçamento do BRB não previa isto, foi feito de forma errada, o que evidencia incompetência; e se estes investimentos foram feitos à revelia do orçamento, evidencia má gestão. Para um maior entendimento sobre os desencontros das declarações de Paulo Evangelista,

**BRB – Evolução do Lucro Líquido semestral (2ºsem/2010 – 2ºsem/2013)**  
(R\$ mil)

Exercício	Lucro Líquido (LL)	Var. Sem. - Sem.	Var. Sem. / Sem. (%)
2º sem. 2010	94.913	---	---
1º sem. 2011	110.939	16.026	16,88
2º sem. 2011	-14.899	-125.838	-113,43
1º sem. 2012	115.070	129.969	-872,33
2º sem. 2012	109.319	-14.751	-12,82
1º sem. 2013	113.053	12.734	12,69
2º sem. 2013	55.929	-57.124	-50,53

Obs: o segundo semestre de 2011 reflete o provisionamento das operações FCVS e cooperativas de ônibus, operações feitas no governo Arruda, cujo prejuízo ultrapassou a casa dos 200 milhões de reais naquele ano.

Fonte: Demonstrações contábeis consolidadas – Elaboração: DIEESE – Subseção Bancários DF.

está claro na peça orçamentária aprovada pela diretoria colegiada e Conselho de Administração (Consad) a destinação de R\$ 69 milhões para investimentos em TI e R\$ 22 milhões para investimentos em agências e pontos de atendimento, incluído a abertura de novas unidades. Ou seja, não há sustentação para a explicação do presidente.

## Resultado artificial

Outro aspecto a este respeito refere-se ao fato de que os investimentos na abertura de novas agências, quase em sua totalidade, não refletem no resultado, pois grande parte é mera mudança de rubrica contábil, o que não influencia no lucro. Da parte efetivamente desembolsada, o banco subtrai impostos que incidiriam sobre o valor; ou seja, hipoteti-

camente, em um investimento de R\$ 1 milhão (custo que o presidente diz ser o da maioria das agências abertas) o banco 'gastaria' algo em torno de R\$ 200 mil. Disso depreende-se que o presidente procurou explicações inusitadas, na tentativa de 'dourar a pílula' para tentar esconder a realidade para o público do BRB, talvez por pensar que estes são incapazes de perceber as bobagens que diz e faz. Aliás, marcas registradas de sua atuação à frente do BRB.

Ainda sobre sua atuação à frente do BRB, cabe mais um comentário: nos comunicados e entrevistas concedidos por ocasião da divulgação do lucro, Paulo deixa transparecer que o BRB começou quando de sua chegada ao banco, haja vista a afirmação de que os investimentos em Informática começaram em sua ges-

**Lucro Líquido de bancos selecionados (Exercício 2013)**  
(R\$ milhões)

Bancos	2013	2012	2013-2012	2013/2012 (%)
Itaú	15.836	14.043	1.793	12,8
BB	15.578	12.205	3.373	27,6
Bradesco	12.202	11.523	679	5,9
CEF	6.723	5.640	1.083	19,2
Santander	5.744	6.663	-919	-13,8
Safra	1.359	1.281	78	6,1
HSBC	441	1.225	-784	-64,0
<b>TOTAL</b>	<b>57.683</b>	<b>52.580</b>	<b>5.303</b>	<b>10,1</b>
<b>BRB</b>	<b>169</b>	<b>215</b>	<b>-46</b>	<b>-21,4</b>

Excetuando o resultado do banco HSBC, todos os demais obtiveram resultado superior ao do BRB, mesmo o Santander, cuja queda foi menor. HSBC e Santander são bancos internacionais com sedes fora do Brasil, cujos resultados são impactados pela atuação da holding.

Fonte: Demonstrações contábeis consolidadas – Elaboração: DIEESE – Subseção Bancários DF.

ção. Parece ser no mínimo má fé afirmar isso, uma vez que, desde 2011, na gestão do então presidente Edmilson Gama, o banco tem investido substancialmente no setor, embora ainda com resultados insatisfatórios.

## Perda de mercado

Na verdade, o que está ocorrendo com o BRB nesta gestão coloca forte preocupação quanto ao seu futuro, pois o balanço do banco, além de demonstrar forte retração no lucro, apresenta alguns dados, possíveis de serem captados no balanço, que corroboram esta preocupação. A partir do 'guidance' do próprio banco para 2013, o balanço aponta para perda de mercado.

O banco não alcançou o que estava previsto em depósitos à vista, que cresceram 15,2% frente a uma projeção orçamentária de 26%; crédito à pessoa física, carro chefe do banco, cresceu 21,3% frente a um orçamento que previa 29,3%. A dependência de pessoa física ainda se mostra preocupante, pois as operações nesta carteira representam ainda 87%.

Outros dados que chamam atenção: sobre o crescimento da carteira de pessoa jurídica como um todo, e em especial no segmento imobiliário e rural, o que se percebe é que a participação do BRB é ainda muito pequena frente ao mercado potencial do Distrito Federal, cuja renda 'per capita' é a maior do país, fato que o presidente não se cansa de repetir. Por fim, a rentabilidade anualizada do BRB retraiu de 25,8% para 17,3% entre 2012 e 2013.

Outro número que embute preocupação e corrobora com a percepção de que o banco está no caminho errado se visualiza quando se analisa o resultado operacional: em 2012 este foi de R\$ 395.750 milhões e em 2013 R\$ 329.825 milhões. Disso depreende-se que o banco decresceu, pois o resultado do negócio (mostrado pelo resultado operacional) caiu substancialmente de 2012 para 2013, mais precisamente 16,6%.

Continuação da capa

## Balanco confirma equívocos

O balanço do banco é farto em números que mostram declínio. Para corroborar com a redução do resultado operacional, é importante ver também o comportamento do resultado bruto de intermediação financeira, que opõe receitas e despesas de intermediação financeira (carro chefe de qualquer banco) que apresentaram um crescimento minúsculo de apenas 5,47% entre 2012 e 2013.

Este quadro é desanimador na medida em que não houve fenômeno que o propiciasse: crise econômica, eventos políticos não previstos, forte instabilidade dos mercados, entre outros. Tanto isto é verdade que o sistema cresceu, e o BRB diminuiu.

“O que se deduz da atuação do BRB, principalmente após a divulgação de seu resultado de 2013, é que o banco não está sabendo aproveitar as oportunidades. Isto reflete erro estratégico de gestão, o que coloca ao BRB um panorama de extremo desafio para

## Lucro Líquido dos Bancos Públicos Estaduais (2011/2013)

(R\$ milhões)

Lucro Líquido	2011	2012	2013	2012/11 (%)	2013/12 (%)
Banrisul	904	819	792	-9,4	-3,3
BRB	96	215	189	124,0	-21,4
BanPará	125	129	141	3,2	9,3
Banestes	89	76	110	-14,6	44,7
Banese	91	88	58	-3,3	-34,1
TOTAL	1.395	1.327	1.270	1,7	-4,3

O Banco do Estado de Sergipe (Banese), embora com queda de 34,1%, possui um tamanho que dificulta a comparação.

Fonte: Demonstrações contábeis consolidadas – Elaboração: DIEESE – Subseção Bancários DF.

*sua perenidade, donde se depreende que a primeira medida a ser tomada para que haja uma busca de um novo rumo seja mudanças na gestão, o que passa, inclusive, pela troca do principal gestor do banco, cuja inabilidade está cabalmente demonstrada nestes meses de gestão. Cabe ao governador demonstrar que realmente se preocupa com o BRB, e que pretende concluir seu mandato apresentado um banco mais forte, maior e mais sólido do que o encontrado quando de sua posse. Para isso, precisa olhar com carinho para o BRB, a começar por mudar esta gestão, que se demonstrou incapaz”, analisa o diretor do Sindicato, Antonio Eustáquio.*

O presidente do BRB pode ainda, em defesa de sua gestão, argumentar que tudo isto não passa de argumentos fracos de quem desconhece as coisas, pois o banco tem ‘ratings’ positivos de grandes agências internacionais. Todo funcionário do banco, medianamente informado, sabe que empresas dessa natureza, no mais das vezes trabalham conforme suas demandas. Basta para isso verificar o papel delas quando da quebra do banco americano Lehman Brothers em 2007, que afirmavam a solidez daquela instituição; e ainda, indo um pouco mais atrás, em 1995, o falido Banco Nacional tinha seus balanços atestados como exce-

lentes por empresas dessa natureza, chegando ao ponto de distribuir dividendos aos acionistas, tudo com o aval desse tipo de empresa.

Ademais, agentes do mercado afirmam que o que se sobressai sobremaneira para que o BRB tenha uma qualificação positiva por agências de ‘rating’ é o fato de ele ser controlado por um agente público, no caso o GDF, o que, em tese, lhe confere segurança e estabilidade. Outro aspecto é que, mesmo nos relatórios das agências que classificaram o BRB, há referências ao fraco desempenho do banco.

“O BRB tem potencialidades e pessoal capacitado para superar esta dificuldade conjuntural que atravessa, muito fruto de uma gestão equivocada. Se utilizados os instrumentos corretos, um planejamento calcado na realidade e disseminação da crença na capacidade interna de superação, que deve ser abraçada por todos os funcionários, o que esta gestão infelizmente não demonstrou capacidade de realizar, o banco certamente voltará a ocupar o lugar que merece no cenário econômico do DF e da região Centro-Oeste”, observa Eustáquio.

# Sindicato negocia com BRB alterações no PCCR e benefícios educacionais

Após quatro reuniões para discussão de alterações no programa de benefícios educacionais e para a revisão do Plano de Cargos, Carreira e Remuneração (PCCR), cujo último encontro ocorreu em 26 de março último, temos a seguinte situação:

- **Benefícios educacionais:** haverá ressarcimento de 75% da mensalidade de cursos de graduação, limitados a R\$ 750,00 para cursos nas áreas de interesse do banco. Para os cursos fora da área de interesse do banco, o ressarcimento será de 40% da mensalidade, limitados a R\$ 347,00.
- **Cursos de interesse do banco:** administração, atuária, controladoria, crédito imobiliário, economia, governança, marketing e direito na modalidade graduação para todos os funcionários. Para pós-graduação, com exceção de direito, reservado para os ocupantes da carreira advocatícia, todos os outros cursos se estendem para todos os funcionários. Ainda sobre pós-graduação,

os funcionários lotados na TI poderão cursar cursos específicos da área.

O Sindicato ainda aguarda resposta sobre a reivindicação de inclusão de cursos de graduação em TI dentro da área de interesse para todos os funcionários.

Sobre pós-graduação, especialização e MBA's, serão ressarcidos no mesmo valor de graduação, e somente para cursos dentro da área de interesse do banco.

Em relação aos cursos de mestrado e doutorado, o Sindicato reivindica um ressarcimento de R\$ 1.125,00. O banco apresentou uma contraproposta de R\$ 840,00. O assunto ainda está em debate.

Está acordado ainda que o tempo de banco para que o funcionário possa solicitar o benefício será de dois anos para graduação e pós-graduação na modalidade especialização e MBA. Quanto a mestrado e doutorado, o banco propôs um tempo de cinco anos, ao que o Sindicato contrapropôs quatro anos. O assunto ainda continua em debate.

- **Revisão do PCCR:** o banco acrescentará na planilha de promoção prevista quando da mudança de níveis (do 1 para o 2 no padrão 16, e do 2 para o 3 no padrão 32) previsão de um padrão para os empregados que apresentarem certificados de conclusão de mestrado, e de um para doutorado. Acrescentou ainda estes cursos na pontuação para progressão por merecimento, que ocorre todos os anos na proporção de 20% de funcionários por unidade.

Sobre cursos de graduação, pós-graduação, mestrado e doutorado, o Sindicato reivindica que haja transposição automática de padrão quando da apresentação de certificado. O banco concorda na concessão de um padrão apenas. O Sindicato apresentou a seguinte contraproposta: dois padrões para graduação, cinco padrões para pós-graduação/mestrado e dez padrões para doutorado, assunto ainda em debate.

A reivindicação de equiparação de remuneração dos analistas de organização e sistemas com os analistas de TI ainda está em debate.

A redução da jornada de traba-

lho dos advogados e dos técnicos do SESMT (segurança no trabalho) para seis horas foi negada. O Sindicato mantém sua reivindicação.

Quanto ao encarreiramento, o banco concordou em alocar a função de analistas sêniores no grupo 3, de forma que estes possam concorrer a funções gerenciais. Sobre a situação dos gerentes administrativos e gerentes de expediente e de equipe, cuja situação os coloca no inusitado de ter que retroceder na carreira para seguir na área negocial, ainda está em discussão.

“O debate está positivo, embora com pouquíssimos avanços concretos até agora. Esperamos melhorias substanciais nas próximas negociações”, afirma o secretário de Estudos Socioeconômicos do Sindicato, Cristiano Severo.

Na última negociação, o Sindicato voltou a cobrar do banco uma solução para os ex-auxiliares administrativos (são 31 remanescentes), cuja remuneração prevê o pagamento da função de analista júnior até maio de 2014, para a qual o banco disse estar ainda em análise.

A próxima reunião com o banco vai ocorrer em 23 de abril.

# Reestruturação do BRB: um desarranjo que reflete a atual gestão

**A** indefinida e quase eterna reestruturação do BRB representa o retrato da gestão de Paulo Evangelista: indefinida, sem rosto e desarranjada. Após mais desacertos ocorridos desde janeiro, persiste no banco situações inusitadas como gerências desestruturadas, áreas sem definição clara das atribuições, afora ameaças de descomissionamento em função desta reestruturação.

O mais grave disso tudo, refere-se à facilidade que esta gestão tem de fazer e logo em seguida desfazer algo, como se o banco fosse um eterno laboratório em que se testa até se conseguir um modelo que funcione. Exemplo claro disso foi o fato de que, em

julho último, entrou em vigor nova estrutura da direção, com presidência, quatro vices-presidências, e dez diretorias, aliás modelo apontado pelo Sindicato como absurdo e extremamente pesado para o tamanho do BRB, o que não encontra similar em nenhuma empresa de porte parecido com o do banco. Tal mudança, que previa a internalização da financeira (CFI) e da DTVM e ainda apontava redução de R\$ 2,3 milhões nos gastos de pessoal, de acordo com fato relevante publicado em junho de 2013, nunca chegou a ser concluída, pois a DTVM não foi internalizada, a financeira (CFI), embora com uma diretoria menor, permanece, e a tão decantada redução de gas-

tos nunca foi provada, apesar dos diversos desafios do Sindicato ao banco quanto a isso.

Agora, em fevereiro último, o banco publica novo fato relevante alterando aquela estrutura, diminuindo o número de vices-presidências para três, isto após apenas sete meses de 'experiência', com a conclusão de que uma quarta vice-presidência é desnecessária. E olha que o banco ainda tem uma vaga de diretor não preenchida, e cuja falta ninguém até agora sentiu.

Mas, o mais emblemático do retrato destes desarranjos, marca desta gestão, é que a formatação daquela estrutura custou ao banco algo em torno de R\$ 4 milhões de reais de consultoria à empre-

sa Accenture, cujo trabalho já foi absolutamente descaracterizado, confirmando o que o Sindicato afirmara de que, além do absurdo da estrutura, o contrato da consultoria era absolutamente desnecessário. Desta forma, o Sindicato agrega mais uma preocupação e uma pergunta: e o valor gasto com a Accenture, cujo trabalho foi praticamente em vão? Quem vai se responsabilizar por ele? Nesta hora é que a Secretaria de Transparência, o Ministério Público e o TCDF deveriam agir, afinal foram R\$4 milhões para quê? O presidente, que gosta tanto de estar na mídia, segundo corre à boca pequena no banco, deveria vir a público para esclarecer isto.

## Sindicato recebe denúncia de violação de e-mail

Embora tenha sido reiteradamente avisado sobre o comportamento inadequado de sua principal assessora, o presidente do BRB, Paulo Evangelista, que dissera ainda em uma reunião com o Sindicato no ano passado que tomaria medidas para que tal situação mudasse, parece que não fez nada para resolver o problema. A referida assessora continua com o mesmo comportamento, desrespeitando funcionários com ações e comentários que atentam contra

o respeito que deve pautar um ambiente profissional de trabalho.

Nos últimos dias, mais funcionários do banco foram vítimas de seus desmandos, e o pior é que o Sindicato recebeu denúncia de que, na semana passada, a 'chefona' chegou ao absurdo de invadir mensagens. Caso tenha efetivamente ocorrido o citado acima, a referida pode ser enquadrada em crime, pois a violação de sigilo postal (em que pode se enquadrar o ambiente virtual) nada

mais é do que ação criminosa.

Os comentários de que ela exerce o papel de 'durona' para evitar que o presidente do BRB tenha que o fazer ganha corpo no banco, contribuindo para a conclusão por parte dos funcionários, em especial os do Edifício Brasília, de que ou Paulo Evangelista realmente aprova e contribui para seu comportamento ou ela não dá a mínima para o que o presidente diz, pois as ações e comentários que agride os funcionários do BRB continu-

am da mesma forma, como se nada tivesse acontecido.

O Sindicato, através de sua assessoria jurídica, está em contato com o Ministério Público do Trabalho na busca de medidas que possam por fim ao comportamento nefasto desta assessora, e coloca um desafio ao presidente: mostrar que realmente tem atitudes de respeito ao conjunto de funcionários do BRB e efetiva gestão do banco, demitindo-a.

## Vale-cultura deve ser implantado em até 40 dias

A efetiva implantação do vale cultura para os funcionários do BRB deve ocorrer até o início de maio, segundo informações da Diretoria de Pessoas (Dipes) do banco.

O processo licitatório para implementação do vale-cultura foi concluído, cuja empresa vencedora foi a administradora de cartões Alelo. O banco, juntamente com a Alelo, está ultimando a operacionalização das informações necessárias para a efetiva emissão dos cartões.

Nesta fase, o BRB está levantando quem tem direito, desde setembro de 2013, pois, segundo a lei que instituiu o vale, tem direito ao cartão os funcionários que recebem até cinco salários mínimos. Sendo assim, cada mês pode haver variação, pois, caso o funcionário que receba até este



limite (cinco salários mínimos), em um referido mês tenha substituído, sua remuneração naquele mês ultrapassa o limite e ele perde o direito. Porém, se no mês subsequente sua remuneração

voltar ao limite, ele volta a ter direito ao vale-cultura.

Após a identificação de quem tem direito, o BRB deve também colher um termo de adesão de cada beneficiado, ter-

mo este obrigatório segundo a legislação vigente.

Segundo o banco, o crédito será efetuado no dia 15 de cada mês. Embora o banco tenha informado que o crédito será feito em 15 de maio, o Sindicato espera que os trâmites acima descritos sejam feitos o mais rápido possível para que o crédito possa ocorrer já neste mês de abril.

"Solicitamos empenho máximo do banco no sentido de viabilizar ainda em abril a conclusão do trabalho de implantação dos cartões para que os funcionários que tenham direito ao benefício recebam o cartão já no próximo 15 de abril", afirmou o secretário de Estudos Socioeconômicos do Sindicato, **Cristiano Severo**, que também é bancário do BRB.

# Nomeações na TI **desrespeitam o PCCR**



Em fevereiro deste ano, diretores do Sindicato se reuniram com representantes do BRB para discutir questões da Informática

**R**ecentemente ocorreram diversas nomeações de funcionários para cargos comissionados na área de tecnologia do BRB, e em menor grau em outras unidades do banco, que agridem o previsto no plano de carreira, mais precisamente na política de encareiramento.

Segundo o Plano de Cargos, Carreira e Remuneração (PCCR) em vigor desde julho de 2012, o encareiramento determina pré-requisitos para se ocupar os diversos cargos existentes no banco, sejam eles da carreira bancária, tecnológica ou advocatícia. Pelos parâmetros do PCCR, é preciso atingir tempo de serviço mínimo,

formação acadêmica, formação complementar, entre outras variáveis a depender do cargo.

Estes parâmetros não foram observados para as nomeações na TI e em outras unidades do banco, criando a situação de diversos comissionados não possuírem os requisitos mínimos para a ocupação de diversos cargos.

O Sindicato não tem absolutamente nada contra os funcionários que foram nomeados ao arrepio dos requisitos mínimos do PCCR, porém, esta situação gera um descontentamento enorme no conjunto dos funcionários, uma vez que demonstra desrespeito do banco a um instrumento que

o mesmo assinou, além de gerar também uma descrença nos processos seletivos como um todo.

Diante do volume de nomeações que se encontra nesta situação, o Sindicato consultou o departamento jurídico, o qual avaliou que tal atitude da direção do banco configura descumprimento de acordo coletivo, na medida em que desrespeita norma acordada com o Sindicato e devidamente registrada nos órgãos competentes.

O jurídico do Sindicato aponta também que a atitude do banco configura assédio moral coletivo, uma vez que afronta o conjunto dos funcionários com esta atitude de desrespeito a norma coletiva,

e que enseja também improbidade administrativa, pois configura ação de agente público promovendo melhoria salarial em desacordo com norma.

*“É uma situação que teve início na gestão passada, conforme denúncias recebidas, e cabe à atual gestão resolver e não aumentar o problema. Os gestores do BRB já tiveram tempo suficiente para se atualizar sobre o PCCR. Desta forma, o Sindicato está preparando a documentação para ingressar com ação visando a reparação, o que também poderá acarretar multa ao BRB por descumprimento de acordo coletivo”, afirmou o diretor do Sindicato Ronaldo Lustosa.*

## PLR da gestão Paulo Evangelista **decepciona**

Mais uma marca negativa da gestão de Paulo Evangelista: a PLR paga aos funcionários. Na esteira de um péssimo resultado do banco em 2013, ano da gestão de Paulo Evangelista, os funcionários do BRB amargaram neste mês de março mais uma decepção, o pagamento de uma PLR muito aquém do que mereciam, até porque, o básico que se cobra dos funcionários foi atingido: as metas.

Crentes de que ao cumprirem estas metas estariam contribuindo sobremaneira para o resultado, os funcionários do BRB não escondem o nível de decepção pelo valor rece-

bido agora em março. E a primeira pergunta que se faz é: para que estas metas abusivas, se sequer permitem uma PLR robusta? Outra pergunta se segue: qual planejamento é feito quando se define metas, se estas não contribuem para um resultado melhor da instituição? E ainda: em quanto as metas definidas pela diretoria contribuem para o resultado se, mesmo atingidas, o banco apresenta resultado tão ruim? Caberia a Paulo Evangelista responder ao conjunto de funcionários estas indagações, para, no mínimo, trazer alguma clareza sobre esta situação absurda: metas alcançadas, lucro em

declínio e PLR decepcionante.

Outro aspecto que o conjunto de funcionários gostaria imensamente de ver é uma atitude do conjunto da diretoria em abrir mão de sua própria PLR, pois, em que pese o recuo considerável do lucro no segundo semestre de 2013, os diretores, vices presidentes e presidente do banco continuam a receber três remunerações, ou seja, um diretor receberá R\$ 96 mil; um vice-presidente R\$ 126 mil e o presidente R\$ 147 mil. A bem da verdade, por determinação do Banco Central, a metade deste valor será em ações do banco a serem resgatadas daqui

a três anos, mas, mesmo assim, convenhamos, ainda receberão uma bela bolada em espécie, sendo que, o maior valor pago a funcionários é de pouco mais de R\$ 7.400,00.

*“Seria justo e um gesto de consideração dos diretores se estes também reduzissem sua PLR na mesma proporção da diminuição ocorrida para os funcionários. É de grande indignação ver a decepção dos funcionários, que cumpriram as metas, receberem tão pouco, e a diretoria como um todo continuar com sua belíssima PLR, independente disso. É de fato um acinte”, destaca o diretor do Sindicato Daniel de Oliveira.*

INFORMATIVO **bancárioBRB** Especial

**GUT** **CONTRAF** **FETECUT** Centro Norte

Sindicato dos Bancários de Brasília

**Presidente** Eduardo Araújo de Souza **Secretária de Imprensa** Talita Régia (imprensa@bancariosdf.com.br)

**Conselho Editorial** Rafael Zanon (BB), Fabiana Uehara (Caixa), Antonio Eustáquio (BRB) e Paulo Frazão (Bancos Privados)

**Jornalistas responsáveis e editores** Rodrigo Couto e Renato Alves **Redação** Rodrigo Couto, Thaís Rohrer, Joanna Alves (estagiária),

Matheus Machado (estagiário) e Thiago Lima (estagiário) **Editor de Arte** Valdo Virgo **Webmaster** Elton Valadas **Cinegrafista** Wellington dos Santos

**Fotografia** Agnaldo Azevedo **Sede** SHCS EQ 314/315 - Bloco A - Asa Sul - Brasília (DF) - CEP 70383-400 **Telefones** (61) 3262-9090

(61) 3346-2210 (imprensa) **Fax** (61) 3346-8822 **Endereço eletrônico** www.bancariosdf.com.br **Tiragem** 3.000 exemplares

**Distribuição gratuita** Todas as opiniões emitidas neste informativo são de responsabilidade da diretoria do SEEB-DF